

**DOI:** 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT03.005

## **A REVISTA CINEARTE E O DISCURSO DO CINEMA QUE EDUCA CRIANÇAS**

**EVELYN FERNANDES AZEVEDO FAHEINA**

Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Universidade Federal da Paraíba - UFPB, E-mail: "evelynfaheina@gmail.com";

**WILLIAM FERREIRA DA SILVA**

Graduado em Pedagogia. Universidade Federal da Paraíba - UFPB, E-mail: "wylliam.silva.016@gmail.com".

### **RESUMO**

Este texto comunica os resultados de uma pesquisa que investigou o discurso sobre o uso do cinema para educar crianças a partir de incursões investigativas na revista Cinearte (1926-1942). Do ponto de vista teórico-metodológico, considerou-se a abordagem arqueológica do discurso, proposta por Michel Foucault (2009), como caminho norteador para análise dos dados. Tomou-se como fontes de pesquisa as 561 edições da revista Cinearte, publicadas no período de 1926 a 1942, disponibilizadas na plataforma digital da Biblioteca Nacional Brasileira. Em comparação à outros periódicos em exibição no mesmo período, a Cinearte se destacou pelo fato de defender o cinema como recurso auxiliar da educação, sobretudo voltado ao ensino de crianças. Esta foi uma das razões pelas quais se considerou importante prosseguir com o estudo realizado. Dos resultados obtidos na pesquisa, concluiu-se que o discurso sobre o uso do cinema para educar crianças, acionado pela revista Cinearte, constituiu-se a partir de duas formações discursivas: (1) uma, na qual o cinema é tratado como auxiliar do ensino de crianças, (2) outra, na qual é evidenciado a necessidade de adequar o cinema ao público expectador, particularmente o infantil. Da primeira formação discursiva, chegou-se ao entendimento de que a eficiência quanto ao uso do cinema para educar crianças esteve alinhado à ideia de que ele poderia atrair a atenção do público infantil, auxiliar seu trabalho mental e apresentar fenômenos e fatos distantes de sua realidade. Quanto à segunda formação discursiva, notou-se que, ao ser posicionado como instrumento que precisava ser adequado às crianças, o cinema foi noticiado pela Cinearte como um recurso impróprio.

**Palavras-chave:** Discurso, Cinema, Educação de crianças.

## INTRODUÇÃO

---

No decorrer das primeiras décadas do século XX, as discussões em torno do desenvolvimento da educação no Brasil ganharam visibilidade em todo o país. A educação e a cultura, por conseguinte, assumiram a condição de estratégias essenciais para a transformação da nação, especialmente no tocante à formação de seu povo (CATELLI, 2010).

Apoiados em tais estratégias, um grupo constituído por: educadores, intelectuais, artistas, produtores e cineastas, defendiam a “[...] ideia de que a educação era o meio mais eficaz para fazer o Brasil se mover para frente, de alcançar o progresso e de eliminar o atraso” (CATELLI, 2010, p. 609). Educadores como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo diziam que a educação brasileira dos anos 1930 deveria combater ao analfabetismo no país tendo como norte a necessidade de educar os cidadãos para participação da vida em sociedade (CATELLI, 2007). Além disso, entendiam que a utilização de certos recursos como auxiliares do trabalho pedagógico escolar poderiam encurtar as distâncias geográficas que dividiam a população brasileira e dificultavam o conhecimento sobre o território nacional. Os meios de comunicação de massa constituíam, nesse sentido, os [...] maiores aliados nesta batalha em favor da educação, [a exemplo do rádio, do cinema e da imprensa]” (CATELLI, 2010, p. 608).

Segundo Walter (2015), o uso do cinema “[...] [poderia levar] para as crianças as imagens mais próximas da realidade, cabendo ao professor ordenar e elucidar os acontecimentos exibidos na tela” (WALTER, 2015, p. 187). O filme, concebido como uma ferramenta capaz de auxiliar o professor, poderia, portanto, assumir a função de facilitador do conteúdo ou do assunto problematizado pelo professor em contextos escolares.

Alinhado ao debate em questão, a revista Cinearte, publicizada no país de 1926 a 1942, com sede editorial no Rio de Janeiro-RJ, teve Adhemar Gonzaga (1901-1978) e Mário Behring (1876-1933) como seus fundadores. No período em que estava em circulação, dedicou-se, especificamente, aos assuntos cinematográficos, publicando em suas páginas críticas de filmes, relatos de experiências com o cinema e depoimentos de educadores a respeito do uso educativo do cinema no país (CATELLI, 2013). Com isso, contou com cerca de 561 edições, 6 álbuns e 4 edições especiais, sendo sua primeira edição publicada no dia 3 de março de 1926 (LUCAS, 2005).

Em relação aos seus interesses particulares, a Cinearte disseminou reflexões de educadores, intelectuais e artistas que, na época, alinhavam-se aos ideais da Escola Nova<sup>1</sup> e buscava a modernização da sociedade brasileira através da educação. Para a concretização desse ideal apoiavam o uso do disco, do rádio, do cinema, da ciência e dos meios de comunicação, porquanto defendiam a “[...] comunhão de ideias entre o projeto de cinema nacional e o dos educadores em torno da criação de um Brasil moderno” (CATELLI, 2010, p. 621).

Em comparação a outros periódicos em exibição no mesmo período, a Cinearte se destacou pelo fato de defender o cinema como recurso auxiliar da educação, sobretudo voltado ao ensino de crianças. Essa foi uma das razões pelas quais decidimos estudar o discurso sobre o uso do cinema para educar crianças a partir de investigações centradas na revista Cinearte.

Ao realizar a leitura sistemática da revista, identificamos que ela esteve implicada na mobilização e no aparecimento de mudanças significativas em torno do uso pedagógico do cinema no Brasil. Ao registrar em suas páginas notícias e relatos concernentes à relação entre o cinema e a educação escolar de crianças, notamos que nela aparecia uma rede de enunciados que corroborava na constituição de uma ordem discursiva sobre o uso do cinema para educar crianças.

Sendo assim, ao analisar e descrever tal discurso, identificamos duas formações discursivas: (1) uma que evidenciava o cinema como recurso facilitador do ensino e da aprendizagem de crianças, porquanto estava posto na revista que, através dos filmes, poderíamos “instruir divertindo, e suscitar nas crianças um interesse extraordinário, [...] para os problemas da cultura e da ciência” (FILHO, 1932a, p. 29); (2) outra que condicionava a necessidade de adequação dos programas cinematográficos ao público infantil.

A identificação dessas duas formações discursivas ocorreram em razão das estratégias teórico-metodológica adotadas na pesquisa, a saber: a Análise Arqueológica do Discurso (AAD), de inspiração foucaultiana. Assim, comprometendo-nos com a análise do nosso discurso-objeto, este artigo comunica os resultados de uma pesquisa que esteve comprometida com a descrição de duas formações discursivas: (1) uma que aponta o uso do cinema como material e auxiliar do ensino

---

1 O escolanovismo, movimento que circulou nas primeiras décadas do século XX, foi uma corrente de pensamento advinda da Europa e dos Estados Unidos que propunha o rompimento da organização tradicional da educação e defendia a renovação das práticas de ensino por meio de técnicas e recursos modernos de ensino (DARIUS & DARIUS, 2018).

escolar de crianças e (2) a segunda que evidencia a necessidade de adequação do cinema ao público infantil.

## **METODOLOGIA**

---

A pesquisa encontrou apoio teórico-metodológico na Análise Arqueológica do Discurso (AAD) (FOUCAULT, 2009), cuja proposta investigativa não esteve centrada na busca por significados, pois não “[...] se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um ‘outro discurso’ mais oculto, recusa-se a ser ‘alegórica’” (FOUCAULT, 2009, p. 157). Nessa perspectiva, quando optamos em estudar o discurso sobre o uso do cinema para educar crianças não o fizemos com o objetivo de interpretar, encontrar um sentido ou situá-lo em um contexto determinado, pois a “[...] arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo” (FOUCAULT, 2009, p. 149).

No curso da investigação, ao operarmos nessa linha metodológica, buscamos apoio em algumas categorias próprias dessa abordagem: a) enunciado: “[...] [que] não é uma unidade elementar que viria somar-se ou misturar-se às unidades descritas pela gramática ou pela lógica. [Portanto], não pode ser isolado como uma frase, uma proposição ou um ato de formulação” (FOUCAULT, 2009, p. 123), pois o enunciado deve ser entendido a partir do índice de recorrência com o qual ele aparece em determinada ordem discursiva, podendo aparecer apenas uma vez sem deixar de desempenhar sua função em meio a outros enunciados numa determinada formação discursiva. b) discurso, cuja condição de existência é determinada pelo próprio enunciado, de modo que não sejam os fatos históricos, econômicos, sociais e políticos suas condições determinantes, mas os enunciados. Assim, “[...] chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2009, p. 132). c) Por formação discursiva, Foucault (2009) entende que ela “[...] se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fatos, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência” (FOUCAULT, 2009, p. 132). Vale ainda destacar que a formação discursiva não deve ser entendida por blocos unitários de enunciados ligados por um mesmo tema, pois, sendo um sistema, determina a regularidade própria de processos temporais que provocam mudanças nas regras de funcionamento dos acontecimentos discursivos. d) análise enunciativa: é definida como “uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava

dito e o não-dito” (FOUCAULT, 2009, p. 124). Assim, a análise enunciativa busca identificar de que modo existem as coisas ditas, o que é para estas o fato de se manifestarem, os rastros deixados por elas e ainda às oferecem a uma possível reativação eventual ou transformações possíveis.

Ao considerar no trabalho de pesquisa tais categorias, nossa investigação foi desenvolvida a partir de três momentos principais: mapeamento das edições da Cinearte, identificação dos enunciados e descrição das formações discursivas atreladas ao discurso sobre o uso do cinema para educar crianças.

A primeira fase da investigação consistiu no mapeamento de toda a revista Cinearte, disponível no acervo Digital da Biblioteca Nacional<sup>2</sup>. A revista conta com cerca de 561 edições, publicadas de 1926 a 1942, e cada uma delas com até 55 páginas. Desse modo, à medida em que realizávamos a leitura de suas edições, percebemos que a relação do cinema com a educação se apresentava de forma diversa, estando atrelada à educação de crianças ou à sociedade brasileira de modo geral. Contudo, definimos como foco central de nosso estudo a relação entre o cinema e a educação de crianças. Cabe esclarecer, também, que mantivemos, no presente texto, a grafia original dos fragmentos extraídos da revista com o objetivo de facilitar o trabalho de outros pesquisadores interessados no acesso às fontes.

Tendo em vista percorrer a rede enunciativa presente na revista Cinearte, definimos um conjunto de descritores que nos auxiliaram na busca por fragmentos que, por conseguinte, conduziram-nos ao mapeamento geral da revista. Dos descritores e do total de ocorrências identificados, encontramos os seguintes resultados:

**Quadro 1 – Descritores e total de ocorrências**

DESCRIPTOR UTILIZADO	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
cinema e ensino	29 ocorrências
cinema escolar	37 ocorrências
cinema e educação infantil	12 ocorrências
cinema educativo	52 ocorrências
cinema e infância	24 ocorrências
educação de crianças	9 ocorrências
<b>TOTAL</b>	<b>163 ocorrências</b>

Fonte: Os autores.

2 Para conhecer o acervo e acessar: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

O total de ocorrências relacionadas ao objeto investigado foram 163, que passaram a constituir as fontes sobre as quais buscamos descrever as duas formações discursivas. Durante o mapeamento, selecionamos alguns fragmentos e os organizamos em um quadro para que pudéssemos obter informações sempre que considerássemos necessário.

O acesso à revista foi realizado através do Portal Digital da Biblioteca Nacional. Assim, ao mapear as edições da Cinearte, percorremos todos os períodos de publicação, isto é, de 1926 a 1942, cujo acesso esteve delimitado por décadas<sup>3</sup>. Nosso foco permaneceu nos 6 descritores interligados à temática da pesquisa. Com isso, ao inserirmos o período e o termo desejado, o acervo indicava a quantidade de edições junto à quantidade de ocorrências relacionadas ao período investigado

No processo de escavação das fontes tivemos o cuidado de não interpretar as informações de forma subjetiva, tendo em vista percorrer a regularidade dos enunciados e destacar as séries enunciativas correlacionadas ao discurso investigado. Após a identificação das séries de enunciados, iniciamos a análise e a descrição das formações discursivas. Foi nesse momento que conferimos visibilidade aos enunciados constitutivos do discurso sobre o uso do cinema para educar crianças.

Na medida em que percorremos a regularidade dos enunciados, compreendemos como o cinema foi posicionado em cada formação discursiva: como auxiliar da lição do professor e como recurso adequado ao público infantil.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

### **O CINEMA COMO RECURSO AUXILIAR DAS LIÇÕES ESCOLARES DE CRIANÇAS**

Em face dos enunciados identificados na revista Cinearte, notamos que o cinema assumiu a posição de recurso auxiliar das lições escolares de crianças. Assim, a exposição do professor acompanhava a projeção cinematográfica, “[...] a fim de que as aulas theoricas recebessem os subsidios preciosos da illustração por meio de imagens animadas” (CINEMA..., 1929, p. 43).

Ao anunciar dessa forma, a Cinearte reconhecia no filme um recurso eficiente de educação e colaborativo na simplificação dos assuntos estudados pelos alunos

---

3 Por exemplo: 1920-1929/1930-1939 e 1940-1949.

por meio da combinação entre projeção e explicação, onde “pagina por pagina [...] seria seguida pela visão de alguns metros de film correspondendo ao texto ensinado” (CHRONICA, 1927, p. 7).

Enunciados presentes na Cinearte também apontaram duas formas distintas e possíveis do professor expor o conteúdo com o auxílio de filmes: através de “[...] uma pequena palestra, e se projecta o film em seguida, ou então, faz a sua preleção habitual, que é illustrada por dispositivos, previamente escolhidos” (CINEMA..., 1932, p. 36). Com isso, o professor poderia escolher entre explicar o assunto na aula aos alunos, antes ou durante sua exposição.

Tal enunciado, orientou-se pela regra discursiva de que os filmes não substituíam quaisquer que fossem os recursos utilizados na prática escolar, pois poderiam manter os “[...] esclarecimentos oraes dos professores, os livros do texto, as cartas geográficas, tudo enfim quanto constitue o acervo de meios a que recorre o professor” (CONTINUANDO..., 1930, p. 7). Por outro lado, o fato de se recorrer ao cinema esteve interligado à ideia de que ele prestava melhores favores ao ensino, principalmente quando comparado a outros recursos utilizados em sala de aula. Além disso, o professor assumia, do ponto de vista discursivo, uma posição importante na medida em que ocupava a posição de sujeito mediador do conhecimento escolar.

## **O CINEMA, UM RECURSO EFICIENTE NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS**

O cinema como recurso escolar não apareceu nas páginas da Cinearte apenas para economizar o tempo e o esforço do professor durante as aulas. Seu uso pedagógico esteve, antes, direcionado à “[...] criança cuja intelligencia se procura[va] assim desenvolver com a ajuda de todos os meios possíveis ao nosso alcance” (FILHO, 1932b, p. 28). Partindo desse enunciado, observamos que a eficiência quanto ao uso do cinema na educação de crianças, articulou-se às seguintes séries enunciativas: (1) recurso que atraía a atenção dos alunos, (2) auxiliar do trabalho mental e (3) recurso que apresentava fenômenos e fatos distantes da realidade dos alunos.

Com relação à primeira série, a eficiência do cinema se destacou em razão de seu potencial na condição de “gravura animada”<sup>4</sup> no ensino de crianças, pois natural

---

4 Uma das muitas nomenclaturas para indicar o caráter ilustrativo do cinema, como uma imagem portadora de movimento.

mente atraía sua atenção diferentemente das lições orais e escritas. Desse modo, reconhecia-se que, entre desenvolver a atenção voluntária da criança “[...] seria sempre melhor e preferível despertar a sua atenção espontânea” (FILHO, 1932c, p. 10). Nesse sentido, o exercício da atenção espontânea, trazia muitas vantagens, uma vez que a ação voluntária estava associada à obrigação e à necessidade da criança estar atenta. Ainda nessa série, identificamos que o cinema se posicionou como uma ação direta, capaz de direcionar o olhar de quem estivesse diante da tela “[...] e caso o espectador [fosse] ainda uma criança, [...] um ser cuja sensibilidade é ainda mais impressionável, a influencia da tela sobrepassaria tudo” (FILHO, 1932d, p. 66).

Na segunda série enunciativa, o cinema se destacou como um recurso capaz de auxiliar o trabalho mental das crianças. Os enunciados identificados na Cinearte corroboraram com a ideia de que nenhum método de ensino, por melhor que fosse, facilitaria o ensino das crianças, porquanto a introdução a qualquer método de ensino deveria pressupor a “[...] intenção de suscitar, na criança o desejo de ser melhor educada, de apresentar perguntas, de fazer ella propria as suas pesquisas” (FILHO, 1932e, p. 32).

Em relação à primeira função, os enunciados indicaram o cinema como recurso estimulador no exercício de “[...] suas faculdades intellectuais, nelas despertando o desejo e o interesse de maiores esclarecimentos, induzindo-os a fazerem perguntas [e] pesquisas por iniciativa propria” (CONTINUANDO..., 1930, p. 7). Nesse caso, contribuiria para despertar nas crianças a capacidade de refletir sobre a lição ensinada, manifestando o interesse pelo assunto tratado, e não apenas nas aulas, mas, também, nas que lhes fossem exterior a ela, através de iniciativas e curiosidades. Na segunda função, observamos o registro quanto a capacidade das crianças em se apropriarem dos saberes exibidos nos filmes, podendo ser estes incorporados à sua própria experiência.

Quanto à terceira série enunciativa, o cinema se destacou como um recurso capaz de exibir às crianças fenômenos e fatos que, naturalmente, seriam difíceis à sua observação. A partir do enunciado de que existiam “phenomenos e factos caracterizados pelo movimento e que seria impossivel, muito difficil ou muito dispendioso reproduzir, para que fossem observados [...] pelos discipulos” (AS PROJECCÕES..., 1932, p. 39), notamos que o cinema poderia tornar visíveis fenômenos naturais ou aproximar lugares e fatos difíceis de serem acessados pelas crianças.

No primeiro caso, o cinema reduziria o tempo e apresentaria fenômenos que naturalmente necessitavam de tempo para serem vistos, os quais, por vezes, eram

abstratos e difíceis de serem compreendidos apenas por meio da descrição feita pelo professor. Dessa forma, por meio do cinema e em pouco tempo, tornaria compreensível “[...] á vista que se encerra dentro de uma flor de côr verde, mostra o crescimento lento de uma planta, desde a germinação da semente até o desabrochar da flor” (FILHO, 1932a, p. 29).

No segundo caso, o cinema reduzia as distâncias, trazendo à vista das crianças lugares e regiões do planeta, sendo capaz de auxiliar no ensino escolar todas as vezes “[...] que a criança [...] [fosse posta] em contacto com a realidade mesma, toda vez que a natureza não [...] [pudesse] estar diante della” (THESE..., 1934, p. 5). Portanto, com o uso do cinema, as crianças apreciariam elementos que normalmente demandaria a viagem de toda a turma a um determinado lugar, como para as “[...] montanhas, atravessar desfiladeiros e apreciar a acção de desgaste das aguas sobre as rochas, o trabalho dos rios, das geleiras e das torrentes” (CINEMA..., 1930, p. 18).

## **ADEQUAR O CINEMA PARA ATENDER ÀS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS**

Além dos enunciados que apontaram o uso do cinema na educação de crianças, identificamos outros que indicaram o cinema como um instrumento de diversão que precisou ser adequado quando exibido ao público infantil. Assim, os espetáculos cinematográficos que não eram condizentes à mentalidade das crianças deveriam ser organizados e fiscalizados a fim de que pudessem se adequar e aproveitar, ao máximo, seu potencial formativo.

Identificamos na Cinearte o enunciado “[...] sobre a propriedade dos films [...] a serem exibidos nos cinemas [...], a fim de não serem os mesmos recommendados ou evitados pelas creanças das escolas” (O CINEMA..., 1927, p. 6). Nessa perspectiva, recomendáva-se o esforço por parte das famílias, das escolas e da sociedade civil organizada no sentido de fortalecer a moralidade das crianças, evitando-se que se deparassem com cartazes, livros, jornais e filmes contendo cenas imorais. Por essa razão, a Cinearte buscou combater à época o “[...] acréscimo de scenas escandalosas que visa[sse]m mercantilmente salvar do fracasso as fitas desprovidas de gosto artistico” (CHRONICA, 1931, p. 3).

Assim, quando organizado de forma inadequada, o cinema adquiria um potencial nocivo às crianças, trazendo-lhes à mente noções e ideias indecentes

que prejudicariam seu desenvolvimento intelectual. Através do “[...] cinema esse desenvolvimento [...] [aconteceria] mais rapido ainda, mas [por outro lado] em condições extremamente prejudiciaes para o futuro das gerações que chega[va]m” (A QUESTÃO..., 1927, p. 7).

Ao tratar da inadequação de crianças nos espetáculos cinematográficos, notamos que duas razões foram registradas na Cinearte: (1) impropriedade dos pais em levar seus filhos ao cinema e (2) desinteresse comercial dos proprietários de cinema. No primeiro caso, entendia-se que “[...] os reponsaveis pela educação dessas creanças [...] para não perderem a oportunidade de satisfazer a curiosidade [...] [preferiam] levar creanças, cuja candura natural ia-se perdendo por esses processos de corrupção pelos olhos” (CHRONICA, 1927, p. 3). Sendo assim, noticiou-se na Cinearte que muitos pais deveriam optar em levar seus filhos aos espetáculos cinematográficos como uma forma de passatempo, sem compreender a influência que certos filmes teriam sob elas. No segundo caso, a Cinearte registrou que muitos dos “[...] programmas de films verdadeiramente adequados ás creanças não *interessavam ou era posto como preocupação dos empresários de cinema*” (O CINEMA..., 1927a, grifo nosso, p. 23). Entretanto, na ausência de espetáculos cinematográficos apropriados para as crianças, quando os proprietários de cinema decidiam atender e exhibir tais filmes, organizaram-se sob o nome de “[...] *espectaculo infantil* [...] peças habituaes do seu indecente repertorio” (O ACTO..., 1928, grifo do autor, p. 3).

Com isso, mesmo com a existência de espetáculos cinematográficos voltados exclusivamente para as crianças, não havia garantia de que os filmes exibidos colaborassem com sua educação moral, social ou escolar. A Cinearte registrou também a falta de preocupação ou desinteresse com a presença de crianças em espetáculos inapropriados para elas. Nesse caso, a falta de organização do próprio cinema o fez ocupar uma posição de destaque nessa formação discursiva, a saber: a de recurso imoral, quando direcionado às crianças sem um olhar fiscalizador.

## **CINEMA, UM RECURSO IMORAL?**

A Cinearte registrou que o aproveitamento do cinema deveria estar voltado à “[...] organização honesta dos programmas infantis [...] correspondendo a confiança dos paes, [constituindo] espectaculos que divert[iss]em e a um tempo instru[iss]em” (NÃO É..., 1928, p. 7). Ademais, que a organização dos filmes voltados exclusivamente ao público infantil, além de servir como uma forma de adequação que

colaborasse com a retirada ou a implementação de filmes compatíveis às crianças, também pudesse contribuir para inculcar nelas noções úteis à sua aprendizagem moral. Posto dessa forma, notamos que o uso do cinema, moralmente adequado às crianças, esteve atrelado às seguintes séries enunciativas: (1) organização dos espetáculos para o público infantil, (2) aproveitamento do cinema como agente de moralidade e (3) necessidade de estabelecimento de uma censura criteriosa aos filmes em circulação.

Na primeira série enunciativa, percebemos que, em face dos filmes comerciais, direcionados ao público adulto, a única maneira eficiente de impedi-los no sentido de não produzirem maus efeitos nas crianças seria “[...] oferecer ao publico sessões especiaes, dedicadas ao mundo infantil [...] tendo por base pelliculas que visa[sse]m o duplo fim de distrahir e ensinar os pequenos” (FILHO, 1931, p. 26). Para tanto, fazia-se necessário que os produtores de cinema organizassem os espetáculos privilegiando exibições de filmes cujo conteúdo propiciassem algum aproveitamento por parte das crianças. Desse modo, verificamos que o proveito do cinema para as crianças residia muito além do aspecto da diversão: “[...] a grande função do cinematographo no seu formidavel poder de suggestão [residia] essencialmente nas suas possibilidades educativas” (CINEARTE, 1932, p. 3). Para tanto, a partir dessa organização, “o cinema não [seria mais] só um negócio, mas um poderoso meio para o ensino infantil, e de difusão cultural” (FILHO, 1931, p. 26).

Entre os filmes recomendados pelos produtores de cinema, registraram-se àqueles de “[...] ordem historica ou documental com creações de grande “vis” cômica” (UM EXEMPLO, 1928, p. 9). Muitos desses, por exibir um conteúdo diferente de outros gêneros cinematográficos como dramas, romances, aventuras etc., recebiam o nome de espetáculos infantis ou filmes educativos.

No caso dos filmes educativos, a revista Cinearte sinalizou que, até mesmo os sem finalidades educativas, assumiriam essa condição, pois não precisariam estar associados apenas ao âmbito escolar, mas “[...] em sua mais larga acepção, do ponto de vista da acção que mesmo os films não pedagogicos pode[ria]m exercer sobre a plasticidade physica [e] intellectual [...] do individuo” (FILHO, 1931, p. 26).

Nessa série enunciativa identificamos outro enunciado correspondente à presença de crianças nos espetáculos destinados à adultos como justificativa para que os produtores de filmes os organizassem de modo exclusivo ao público infantil:

[...] um terço da clientela dos cinemas era constituída pela infancia. Isso esta a demonstra que podem perfeitamente os gerentes constituir em

dias certos e determinados espetáculos destinados á infancia com programmas seleccionados (AS ENTREVISTAS..., 1928, p. 5).

Assim, notamos que os produtores de cinema assumiram um papel importante no tocante à organização do cinema infantil, pois foram interpelados a retirar dos espetáculos cinematográfico “[...] films improprios, films defesos á população infantil” (CHRONICA, 1927, p. 3). Assumiram, com isso, o papel de organizador de “[...] programmas de films verdadeiramente adequados ás creanças (O CINEMA, 1927b, p. 23) e, porquanto, a posição de sujeito<sup>5</sup> capaz de adequar o cinema às necessidades das crianças.

Na segunda série enunciativa, identificamos que a Cinearte registrou que os espetáculos cinematográficos voltados para crianças estariam à serviço da elevação da moral. Com isso, assumiu o cinema o papel de propagador da moral, desde que não estimulasse nos seus espectadores “[...] os seus instinctos ou paixões precoces, [e] os disciplin[ass]e num sentido verdadeiramente util” (LESSA, 1935, p. 28-48). Assim, as exibições cinematográficas não eram encaradas apenas como um passatempo, mas como uma forma de despertar e promover o desenvolvimento infantil. Em benefício da moralidade, o cinema exerceu a capacidade de ensinar “[...] os terriveis resultados da embriaguez e outros vicios odiosos [...] [ao passo que] outras pelliculas [...] os inefaveis beneficios da boa saude, do terno amôr e da doce paz no lar; da retidão no character; da honra de em todos os actos da vida humana” (IV CONGRESSO..., 1927, p. 29).

Nessa série enunciativa, as exibições cinematográficas, organizadas a partir de critérios morais, foram registradas pela revista Cinearte como uma estratégia em defesa das crianças contra as influências de certos filmes. Nessa direção, “as creanças se tornariam melhores e mais forte moralmente, si sabiamente familiarizados com o mal, de modo a saberem como evital-o” (O CINEMA..., 1927b, p. 27). A organização dos espetáculos para crianças constituíram, também, uma forma de adequar o próprio cinema para esse público, assim como formá-los e familiarizá-los com lições úteis à vida em sociedade.

Por fim, no tocante à terceira série enunciativa, identificamos enunciados que ratificaram a necessidade de elevar o nível dos espetáculos, sobretudo os que

---

5 Para Foucault (2009), a posição de sujeito não diz respeito ao indivíduo que proferiu determinado discurso. Para a AAD, ela se refere a uma posição vazia que pode ser ocupada por qualquer coisa ou indivíduo situado no tempo e no espaço, não importando quem fala, seu status social, econômico, político etc..

estiveram voltados, exclusivamente, para crianças. Desse modo, registrou-se a necessidade de:

[...] criação do aparelho federal de exame dos filmes [...], aparelho que fornecesse certificados de exame validos para todo territorio nacional, classificando os films em categorias de modo a evitar que a infancia pudesse assistir ás produções só propicias para adultos (A QUESTÃO..., 1929, p. 9).

A necessidade de estabelecer uma censura cinematográfica, em âmbito federal, foi registrado pela Cinearte através de vários enunciados. Assim, ratificou-se a importância da fiscalização dos filmes por todo “[...] o paiz [na medida em que] fossem mais frequentemente projectados films que educassem o povo, que o instruissem, que contribuíssem em fim para o seu melhoramento moral e material” (CINEARTE, 1932, p. 3). Recomendou-se, também, o estabelecimento de esforços no sentido de efetivar uma “[...] censura criteriosa fundada em bases educativas, [direcionando a] [...] submissão dos departamentos de censura ás secretarias de educação, e não, [...] sujeitos ás autoridades policiaes” (CINEMA..., 1931, p. 10).

Fundada em bases educativas, a censura cinematográfica fora da alçada da polícia, justificou-se, segundo a Cinearte, pela ineficiência com a qual esse órgão passou a realizar a censura aos filmes considerados prejudiciais à sociedade. De acordo com os enunciados identificados, a censura policial, mesmo regulando a circulação de determinados filmes, não impedia que as crianças continuassem frequentando os espetáculos cinematográficos. Assim, desde que acompanhadas por seus pais, era permitida a presença de crianças e, por essa razão, circulava o enunciado de que deveriam “[...] retirar da policia o aparelho da censura, organizal-o convenientemente mantido sob a gestão e supervisão directa de um ministerio, que [...] deveria ser não o da justiça mas o da educação” (O DESASTRE..., 1931, p. 5). Posto dessa maneira, indicou-se que o exame de filmes fosse feito por um órgão, secretaria ou ministério preocupados com a exibição de programas cinematográficos, especificamente infantis, com “[...] themas sportivos, lições de moral, films patrioticos, instructivos, educadores, comedias sem consequencias tal, [...] espetaculos innocentes e uteis” (A QUESTÃO..., 1927, p. 7).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Ao considerar como objeto de estudo o discurso sobre o uso do cinema para educar crianças a partir de investigações na revista Cinearte (1926-1942), partimos do pressuposto de que, tal discurso, foi constituído por duas formações discursivas: uma que apontou o uso do cinema como material e auxiliar do ensino escolar de crianças e a segunda que evidenciou a necessidade de adequação do cinema ao público infantil.

Sendo assim, ao descrever o referido discurso, não assumimos o compromisso em analisar, do ponto de vista empírico, a relação entre o cinema e a educação de crianças no Brasil, mas conferir visibilidade à rede de enunciados e às condições de possibilidade para que diversas séries de enunciados se agrupassem em duas formações discursivas.

Os resultados da análise indicaram que o discurso investigado esteve implicado em um momento histórico do país (década de 1930), marcado por mudanças significativas na educação e pelos ideais de renovação da organização escolar e dos métodos de ensino, o que conduziram muitos educadores e intelectuais da época a se alinharem às tendências educacionais inovadoras.

Em virtude disso, diferentes formas de pensar a organização educativa foram sendo adotadas: os grupos escolares unificaram as escolas isoladas em uma só instituição e o método intuitivo passou a predominar os processos educativos escolares, com ênfase na sensibilidade dos alunos. Nessa perspectiva, recursos como o rádio, a imprensa e o cinema passaram a ter grande importância na educação do país. Foi nesse contexto que a revista Cinearte se inseriu, dedicando-se à publicação de notícias sobre o cinema nacional e internacional, e, ao mesmo tempo, colaborando com as discussões educacionais daquele período marcado pelo reconhecimento da força de propagação do cinema como recurso capaz de levar para longas distâncias e para diversas pessoas as palavras de especialistas (CATELLI, 2010).

A análise do discurso sobre o uso do cinema para educar crianças, centrada na investigação das diferentes edições da revista Cinearte (1926-1942), conduziu-nos à identificação de frases, notícias, expressões e comentários sobre a relação entre o cinema e a educação de crianças no Brasil, as quais deram as condições de possibilidade para que um discurso se constituísse. O cinema passou a ocupar diferentes posições e, dessa maneira, identificamos duas formações discursivas.

Na primeira formação discursiva, notamos que o cinema, quando posicionado como recurso colaborador do ensino escolar assumiu a condição de recurso auxiliar das lições escolares. A eficiência quanto ao uso do cinema para educar crianças, alinou-se à ideia de que ele poderia atrair a atenção do público infantil, auxiliar no seu trabalho mental e apresentar fenômenos e fatos distantes de sua realidade. Com isso, ainda nessa formação discursiva, verificamos que o uso do cinema trazia as seguintes implicações: requisição de qualidades pedagógicas, adequação ao entendimento das crianças e reconhecimento como recurso inovador.

Na segunda formação discursiva, ao ser posicionado como instrumento que precisou ser adequado quando direcionado às crianças, o cinema foi noticiado pela Cinearte como um recurso impróprio. Assim, filmes com cenas fortes, sem o cuidado necessário foi considerado prejudicial às crianças. Contudo, nessa formação, notamos que o cinema, ao passar por um crivo analítico e moral, tornou-se um recurso útil à educação de crianças.

## **REFERÊNCIAS**

---

A QUESTÃO dos programmas infantis dos films proprios para creanças. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, 82, p. 7, 21 set. 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20%20processo%20intuitivo&pagfis=3601>. Acesso em: 29 nov. 2022.

A QUESTÃO da censura cinematographica. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 196, p. 9, 27 nov. 1929. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20infancia&pagfis=9004>. Acesso em: 1 dez. 2022.

AS ENTREVISTAS concedidas pelos diversos gerentes de cinemas, a proposito da intervenção do Juizo de Menores. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 105, p. 5, 29 fev. 1928. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20infancia&pagfis=4703>. Acesso em: 23 nov. 2022.

AS PROJECÇÕES luminosas como auxiliares do ensino escolar. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 317, p. 39, 23 mar. 1932. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20crean%c3%a7as%20ensino&pagfis=14123>. Acesso em: 29 nov. 2022.

CATELLI, Rosana Elisa. Coleção de imagens: o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos 1920 e 1930. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 605624, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a16.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2022.

CATELLI, Rosana Elisa. **Dos “naturais” ao documentário**: o cinema educativo e a educação do cinema, entre os anos de 1920 e 1930. 2007. Tese (Doutorado)– Instituto de Artes, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, SP: [s.n.], 2007.

CATELLI, Rosana Elisa. **A revista Cinearte e o projeto de modernização cultural pelo cinema**. Biblioteca online de ciências da comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/catelli-rosana-2013-revistacinearte.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2021.

CINEARTE. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 308, p. 3, 20 jan. 1932. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20educa%3%a7%c3%a3o%20infantil&pagfis=13703>. Acesso em 1 dez. 2022.

CINEMA educativo. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 159, p. 43, 13 mar. 1929. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20ensino&pagfis=7191>. Acesso em: 26 nov. 2022.

CINEMA educativo. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 354, p. 36, 7 jul. 1932. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20ensino&pagfis=14906>. Acesso em: 30 nov. 2022.

CINEMA de amadores o cinema e as ciencias naturaes. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 207, p. 18, 12 fev. 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20ensino&pagfis=9527>. Acesso em: 25 nov. 2022.

CINEMA contra cinema. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 305, p. 10, 30 dez. 1931. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20educa%3%a7%c3%a3o&pagfis=13589>. Acesso em: 25 nov. 2022.

CHRONICA. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 63, p. 7, 11 mai. 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20educa%3%a7%c3%a3o&pagfis=2683>. Acesso em: 29 nov. 2022.

CHRONICA. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 263, p. 3, 11 mar. 1931. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=162531&pesq=cinema%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil&pagfis=12068>. Acesso em: 30 nov. 2022.

CHRONICA. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 83, p. 3, 28 set. 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=162531&pesq=cinema%20infancia&pagfis=4335>. Acesso em: 30 nov. 2022.

CONTINUANDO a resumir o relatório sobre a experiência feita pela Eastman Kodak. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 215, p. 7, 9 abr. 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20educa%3%a7%c3%a3o&pagfis=9874>. Acesso em: 23 nov. 2022.

DARIUS, Rebeca Pizza Panotte; DARIUS, Fábio Augusto. A educação pública no Brasil no século XX: considerações à luz da formação dos grupos escolares e do manifesto dos pioneiros da educação nova. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 20, n. 1, p. 32–41, 2018. DOI: 10.30715/rbpe.v20.n1.2018.11248. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/11248>. Acesso em: 30 nov. 2022.

FILHO, Sergio Barreto. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 313, p. 29, 24 fev. 1932a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20crean%3%a7as%20ensino&pagfis=13945>. Acesso em: 30 nov. 2022.

FILHO, Sergio Barreto. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 347, p. 28, 19 out. 1932b. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=162531&pesq=cinema%20escolar&pagfis=14625>. Acesso em: 30 nov. 2022.

FILHO, Sergio Barreto. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 343, p. 10, 21 set. 1932c. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20ensino&pagfis=14440>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FILHO, Sergio Barreto. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 320, p. 66, 20 abr. 1932d. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=162531&pesq=cinema%20crean%C3%A7as%20ensino&pagfis=26305>. Acesso em: 27 nov. 2022.

FILHO, Sergio Barreto. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 327, p. 32, 1 jun. 1932e. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20crean%C3%A7as%20ensino&pagfis=26552>. Acesso em: 29 nov. 2022.

FILHO, Sergio Barreto. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 297, p. 26, 4 nov. 1931. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=162531&pesq=cinema%20escolar&pagfis=13317>. Acesso em: 1 dez. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

O ACTO do juiz de menores. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 97, p. 9, 4 jan. 1928. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20educa%C3%A7%C3%A3o&pagfis=4335>. Acesso em: 27 nov. 2022.

O CINEMA da creança – muito curiosa e ilustrativa a opinião do sr. roberto rosenvald – uma sugestão. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 62, p. 6, 4 mai. 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20infancia&pagfis=2634>. Acesso em: 1 dez. 2022.

O CINEMA e a infancia. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 67, p. 23, 8 jun. 1927a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20infancia&pagfis=2878>. Acesso em: 29 nov. 2022.

O CINEMA e a infancia. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 92, p. 27, 30 nov. 1927b. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20educa%C3%A7%C3%A3o&pagfis=4089>. Acesso em: 30 nov. 2022.

O DESASTRE acontecido a todos ou quasi todos. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 259, p. 5, 11 fev. 1931. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader>.

aspx?bib=162531&pesq=cinema%20infancia&pagfis=11897. Acesso em: 30 nov. 2022.

LESSA, Mario. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 421, p. 28-48, 15 ago. 1935. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=162531&pesq=&pagfis=18093> Acesso em: 20 mar. 2022.

LUCAS, Taís Campelo. **Cinearte**: o cinema brasileiro em revista (1926–1942). 2005. Dissertação (Mestrado em História) -Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

NÃO É só no Brasil que a influencia perniciosa que certos films exercem sobre a infancia tem despertado a atenção das autoridades. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 101, p. 7, 1 fev. 1928. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20infancia&pagfis=4521>. Acesso em: 1 dez. 2022.

THESE apresentada no V congresso de educação pelo professor Francisco Venâncio Filho. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 389, p. 5, 15 abr. 1934. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20escolar&pagfis=16462>. Acesso em: 24 jun. 2022.

UM EXEMPLO que é uma lição o que faz madrid em beneficio da infancia. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 107, p. 9, 15 mar. 1928. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20educa%c3%a7%c3%a3o%20infantil&pagfis=4802>. Acesso em: 22 nov. 2022.

WALTER, Fernanda Omelczuk. O lugar pedagógico nos filmes feitos para crianças. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 26, n. 3 (78), p. 185-204, set./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/Tqwcs3kF48gDNVsBHM4LX5y/>. Acesso em: 20 set. 2022.

IV CONGRESSO internacional de educação. **Cinearte**, RJ, Rio de Janeiro, n. 47, p. 29, 19 jan. 1927. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=162531&Pesq=cinema%20educa%c3%a7%c3%a3o&pagfis=1958>. Acesso em: 25 nov. 2022.